



## **JOGANDO E PENSANDO OS FUTEBÓIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

### **PLAYING AND THINKING ABOUT SOCCERS IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES**

### **JUGAR Y PENSAR EM EL FUTBOLES EM LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA**

**Mariama Silva Gouvêa Barreto**


<https://orcid.org/0000-0002-9163-2323> 


<http://lattes.cnpq.br/1554038584976339> 

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)

[mariamabarreto@estudante.ufscar.br](mailto:mariamabarreto@estudante.ufscar.br)

**Carlos Rogério Thiengo**


<https://orcid.org/0000-0002-3343-8979> 


<http://lattes.cnpq.br/5783770717559474> 

Ginga Futebol (Bauru, SP – Brasil)

[carlos.thiengo@gingafutebol.com](mailto:carlos.thiengo@gingafutebol.com)

**Glauco Nunes Souto Ramos**


<https://orcid.org/0000-0003-2644-2838> 


<http://lattes.cnpq.br/0134679842280022> 

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)

[glauco@ufscar.br](mailto:glauco@ufscar.br)

**Osmar Moreira de Souza Júnior**

<https://orcid.org/0000-0002-2915-5634> 

<http://lattes.cnpq.br/9176123942671062> 

Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP – Brasil)

[osmar@ufscar.br](mailto:osmar@ufscar.br)

#### **Resumo**

O objetivo da pesquisa foi investigar a implementação de uma unidade didática dos futebolis, com uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental, assim como analisar os processos educativos emergentes dessa intervenção. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa-ação demarcada pela implementação de uma unidade didática, composta por 12 aulas, pautadas na lógica interna e na lógica externa do futebol. O instrumento de produção de dados utilizados foi o diário de aula, tendo como fontes a observação participante e gravações de áudios. Os dados coletados foram analisados mediante a análise de categorias de codificação em três etapas: organização e leitura dos documentos, codificação dos materiais e categorização. Os resultados demonstram que a unidade didática dos futebolis possibilitou aos(as) alunos(as) experiências positivas e inclusivas, e uma aprendizagem pautada pelos saberes corporais, conceituais e atitudinais, tendo os(as) alunos(as) acesso à dimensão sociocultural do futebol, através da lógica externa do jogo.

**Palavras-chave:** Educação Física Escolar; Ensino Fundamental Anos Finais; Futebol; Futebolis.

#### **Abstract**

The study aimed to investigate the implementation of a didactic unit about soccer, with a group of 8th graders of elementary school, and analyze the education processes emerging from this intervention. It is about qualitative research like a research-action marked by the implementation of a didactic unit, composed of 12 classes, guided



with the internal and external logic of soccer. The data product instrument used was the class diary, having as sources the participant observations and the audio records. The collected data were analyzed through the analysis of the codification categories in three steps: the organization and reading of the documents, codification and categorization of the materials. The results demonstrate that the soccer didactic unit enables the students to have positive and inclusive experiences, and a learning guided by body, conceptual and attitudinal knowledge, giving them access to the soccer sociocultural dimension through the external logic of the game.

**Keywords:** School Physical Education; Elementary School Final Years; Soccer; Soccers.

### Resumen

El objetivo de la investigación fue investigar la implementación de una unidad didáctica de los deportes, con un grupo de 8º grado de la Educación Primaria, así como analizar los procesos educativos emergentes de esta intervención. Se trató de una investigación cualitativa de tipo investigación-acción demarcada por la implementación de una unidad didáctica, compuesta por 12 clases, basada en la lógica interna y en la lógica externa del fútbol. El instrumento de producción de datos utilizado fue el diario de clase, teniendo como fuentes la observación participante y grabaciones de audio. Los datos recopilados fueron analizados mediante el análisis de categorías de codificación en tres etapas: organización y lectura de los documentos, codificación de los materiales y categorización. Los resultados demuestran que la unidad didáctica de los deportes permitió a los(as) alumnos(as) experiencias positivas e inclusivas, y un aprendizaje basado en los saberes corporales, conceptuales y actitudinales, teniendo los(as) alumnos(as) acceso a la dimensión sociocultural del fútbol, a través de la lógica externa del juego.

**Palabras clave:** Educación Física Escolar; Educación Primaria Últimos Años; Fútbol; Deportes.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo representa um recorte da pesquisa desenvolvida por uma professora-pesquisadora de Educação Física escolar, da rede pública municipal de Praia Grande, São Paulo, inserida no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), núcleo da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A proposta da pesquisa partiu da inquietação quanto ao ensino do futebol nas aulas de Educação Física escolar, principalmente à possibilidade de desvincular o seu ensino de uma perspectiva tecnicista, preocupado apenas com o saber fazer.

O esporte é uma manifestação cultural que permeia todos os espaços do nosso cotidiano, influenciando inclusive a nossa forma de entender e se expressar no mundo. Com isso, é importante entendermos essa influência na formação de cada pessoa e, para isso, essas discussões se fazem necessárias nas aulas de Educação Física escolar (GONZÁLEZ, 2006). Dentre as práticas esportivas, o futebol é um patrimônio cultural que apresenta uma figura de destaque e que não podemos negar a sua popularidade em nossa sociedade e dentro das escolas (BRANDÃO et al., 2013). Porém, ao olharmos para o futebol dentro das aulas de Educação Física escolar, nos deparamos com uma problemática: ao mesmo tempo em que é um conteúdo muito importante e hegemônico, ele é pouco aproveitado.

Souza Júnior e Darido (2010) afirmam que ao olharmos para o ensino do futebol nas aulas de Educação Física escolar, notamos uma grande influência do modelo esportivista, em que, os(as) professores(as) focam o seu ensino através da dimensão procedimental, ou seja,





do saber fazer, deixando de aprofundar os saberes conceituais e atitudinais. Assis e Colpas (2013) completam que os(as) professores(as) de Educação Física escolar ensinam o futebol com foco em uma reprodução do futebol midiático, deixando a aula muito parecida com o que ocorre nas escolinhas de iniciação esportiva espalhadas pelos bairros. Deste modo, o desempenho dos(as) alunos(as) tendo como referência o modelo do esporte de alto rendimento passam a ser o objetivo e o fim das aulas, tornando esse processo excludente e distante de uma proposta voltada para o desenvolvimento humano.

Silva, Nicácio e Campos (2012) tem direcionado os olhares para o ensino do futebol na escola e, perceberam que o seu conteúdo vem sendo trabalhado de uma maneira reducionista, em que, o futebol acontece apenas como prática, com um caráter procedimental e com foco no fazer pelo fazer, deixando de lado reflexões conceituais sobre esse fazer corporal ou sobre as conexões sociais dessa prática. Além disso, os autores afirmam que na maioria dos casos, o futebol também é tratado de uma maneira sexista, sendo oferecido apenas aos meninos. São poucas as vezes que o futebol é "abordado na perspectiva da cultura corporal de movimento, isto é, como conteúdo cultural que deve ser ensinado pela vivência prática do movimento, como também refletido, contextualizado e redimensionado (SILVA; NICÁCIO; CAMPOS, 2012).

Para Barroso (2020), o ensino do esporte nas aulas de Educação Física escolar precisa superar o modelo tradicional, pautado apenas no ensino das técnicas de movimento, sendo necessário ir além do *ensinar a fazer*, havendo uma valorização do *ensinar sobre o fazer*. Nesta mesma linha, porém pensando especificamente no ensino do futebol, Freire (2011) defende que para ensinar futebol, os(as) professores(as) precisam conduzir o seu trabalho a partir de quatro princípios básicos:

- 1) Ensinar futebol a todos(as): todos podem jogar futebol, desde os(as) que já sabem jogar, até os(as) que sabem pouco ou não tenham nenhum conhecimento. O importante é o(a) professor(a) saber direcionar o aprendizado para que, quem já sabe jogar, aprimore e aprenda a jogar melhor, e, para quem sabe pouco ou não sabe nada, aprendam pelo menos o suficiente para conseguirem jogar.
- 2) Ensinar futebol bem a todos(as): o ensino do futebol precisa ser uma prática pedagógica planejada pelo(a) professor(a) e pensada para o(a) aluno(a), de acordo com o seu nível de habilidade.





- 3) Ensinar mais que futebol a todos(as): é necessário tratar o futebol como conhecimento, ensinando o(a) aluno(a) a compreender o futebol enquanto fenômeno e entender as suas relações sociais, pensando na construção do(a) aluno(a) como um(a) cidadão(ã).
- 4) Ensinar a gostar do esporte: é preciso proporcionar aos(as) alunos(as) práticas que sejam prazerosas, deixando de lado práticas repetitivas e autoritárias, desta maneira, o(a) aluno(a) terá prazer no que está fazendo e aprenderá a gostar de fazer.

A partir disso, notamos com clareza a importância de rompermos com o ensino do futebol em uma perspectiva tecnicista e assim avançarmos o seu ensino para uma prática inclusiva e transformadora, em que o(a) aluno(a) se sinta acolhido e tenha experiências que sejam prazerosas e bem-sucedidas.

Com essa problematização, elaboramos uma unidade didática para o ensino dos futebóis para os anos finais do Ensino Fundamental. Futebóis estes entendidos como um fenômeno plural (SOUZA JUNIOR; CARVALHO; PRADO, 2023), que tem espaço para a diversidade, superando a ideia de que o futebol espetacularizado é o único futebol possível. Para isso, entendemos o futebol como conhecimento, trazendo o seu ensino para além do saber fazer, ou seja, através da sua lógica interna e externa de jogo e trabalhando o seu ensino através dos saberes conceituais, corporais e atitudinais.

O estudo teve como objetivo investigar a implementação de uma unidade didática dos futebóis, com uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental, assim como analisar os processos educativos emergentes dessa intervenção.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### Abordagem Metodológica, Contexto da Pesquisa e Participantes

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa-ação, demarcada pela implementação de uma unidade didática, composta por 12 aulas, pautadas na lógica interna e na lógica externa dos futebóis. Esta abordagem tem como base a descrição, a análise e a interpretação de todas as informações coletadas durante o processo de investigação, para





posteriormente serem entendidas de maneira contextualizada (NEGRINE, 1999). Dentro da abordagem qualitativa, utilizamos a pesquisa-ação, definida por Franco (2005, p. 489) como:

[...] uma pesquisa eminentemente pedagógica, dentro da perspectiva de ser o exercício pedagógico, configurado como uma ação que cientificiza a prática educativa, a partir de princípios éticos que visualizam a contínua formação e emancipação de todos os sujeitos da prática.

A autora entende a pesquisa-ação como uma prática que tem como objetivo a transformação de uma realidade, com a participação de todos os sujeitos desse processo, sendo então uma pesquisa participativa e de transformações.

Foi realizada uma pesquisa-ação do tipo estratégica, em que, somente a professora-pesquisadora conduziu o planejamento, a aplicação e a avaliação dos resultados da pesquisa, com o objetivo de que as transformações dos(as) participantes fosse previamente planejado, sem a sua participação. Assim, realizamos uma pesquisa qualitativa demarcada pela pesquisa-ação, que envolveu a implementação (ação) de uma unidade didática dos futebóis com uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental. A implementação da unidade didática teve seu início no dia 29 de setembro de 2022 e término em 17 de novembro de 2022, totalizando uma somatória de 6 encontros (12 aulas).

O contexto da pesquisa está representado pelas aulas de Educação Física de uma turma de alunos(as) do 8º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública municipal periférica da cidade de Praia Grande, situada no litoral sul do Estado de São Paulo. Os(as) participantes da pesquisa foram 26 alunos(as) matriculados na referida turma, sendo 13 meninos e 13 meninas, com idades variando entre 13 e 17 anos. As aulas de Educação Física dos anos finais acontecem no período de contraturno de aula dos(as) alunos(as). O protocolo da pesquisa foi devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme parecer consubstanciado.

### **Técnica e Instrumento de Coleta de Dados**

Para a produção dos dados da pesquisa utilizamos os diários de aulas, definido por Zabalza (2004) como documentos em que os(as) professores(as) anotam as suas observações e impressões sobre os acontecimentos das aulas. As fontes para esses registros foram a observação participante e a gravação de áudios pelo celular.

A unidade didática foi organizada de modo que os(as) alunos(as) tivessem acesso à lógica interna e a lógica externa do futebol, tendo diversas experiências através dos saberes





corporais, conceituais e atitudinais. As principais estratégias pedagógicas da intervenção, como por exemplo, as rodas de conversas, a utilização de jogos reduzidos, a adaptação de regras e espaços, a vivência das atividades em times misto, entre outros, foram elaboradas e escolhidas de modo que todos(as) os(as) alunos(as) conseguissem participar e obter sucesso nas atividades, independentemente do seu nível de habilidade, para que assim todos(as) aprendessem a jogar futebol. Propositamente para evitar possíveis situações excludentes ou apenas uma participação ativa dos(as) alunos(as) ditos como mais habilidosos(as), foram pensados jogos que necessitavam a participação de todos(as) os(as) alunos(as) para que o time conseguisse atingir o objetivo proposto e assim pontuar.

Com isso, os(as) alunos(as) teriam acesso a uma prática inclusiva e prazerosa, além de entender o futebol e as suas relações sociais. Deste modo, entendemos que conseguiríamos atender aos quatro princípios de Freire (2011).

#### Quadro 1 – Estrutura da unidade didática do 8º ano Ensino Fundamental

<b>Objetivos gerais:</b> <b>- Lógica interna:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Ênfase na comunicação na ação: estabelecer relações eficientes de comunicação entre os(as) companheiros(as) de equipe e de contra comunicação com os(as) adversários(as) de jogo.</li></ul> <b>- Lógica externa:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Reconhecer a influência da política no universo do futebol;</li><li>• Reconhecer as intersecções entre futebol, política e marcadores sociais da diferença (raça, etnia, gênero, sexualidade, classe social, idade entre outros).</li></ul>
<b>Temas:</b> Futebol e Política e comunicação no futebol
<b>Quantidade de aulas:</b> 12 aulas
AULAS 1 e 2: Desenvolvendo estratégias de comunicação com os(as) companheiros(as) de equipe e o racismo no futebol.
AULAS 3 e 4: Desenvolvendo estratégias de comunicação com os(as) companheiros(as) de equipe e a invisibilidade midiática das mulheres no futebol e no esporte.
AULAS 5 e 6: Jogos de contra-ataque e as pessoas LGBTQIAP+ no universo do futebol.
AULAS 7 e 8: Futebol como uma experiência política e a problematização do processo democrático.
AULAS 9 e 10: Futebol de rua.
AULAS 11 e 12: Fútbol <i>Callejero</i> .

**Fonte:** construção dos autores.





## **Análise de Dados**

Para a análise de dados optamos pela análise de categorias de codificação de Bogdan e Biklen (1994), realizada em três etapas: organização e leitura dos documentos, codificação dos materiais e categorização. Para a sistematização deste processo, após a primeira etapa de leitura e organização dos documentos, fizemos a seleção de palavras, trechos, frases e comportamentos repetidos, interpretando os diferentes significados que apareceram nos diários de aula, elaborando uma lista de codificação em uma planilha eletrônica. Realizada a codificação dos diários de aula, fomos para a terceira fase, a categorização. Assim, um novo processo de organização foi realizado para a etapa de categorização, na qual os códigos foram unidos e originaram duas categorias representadas respectivamente pelos processos educativos emergentes da lógica interna e da lógica externa da unidade didática dos futebóis.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Lógica Interna**

Os processos de aprendizagem da lógica interna dos futebóis referem-se à aprendizagem das demandas técnicas e táticas que o jogo impõe para que assim consiga praticá-lo (PARLEBAS, 2001). Nesta unidade didática, a aprendizagem da lógica interna foi baseada nos indicadores de jogo de Garganta (1995) e tinha como objetivo a ênfase na comunicação na ação, ou seja, os(as) alunos(as) estabelecerem relações eficientes de comunicação entre os(as) companheiros(as) de equipe e de contra comunicação com os(as) adversários(as) de jogo.

Para atingir esse objetivo, as atividades propostas tinham como estratégia a vivência de jogos reduzidos, a adaptação de regras e espaços, o rodízio entre as equipes que jogavam, as rodas de conversa, paradas no meio do jogo para conscientização reflexiva e tática e a participação dos(as) alunos(as) em times mistos. Garganta (1995) entende que para os(as) alunos(as) terem formas motivantes de jogo, é imprescindível que a sua estrutura seja acessível, ou seja, com regras simples, em um espaço reduzido e com poucos(as) jogadores(as).

Na maioria das aulas, as rodas de conversa iniciais começavam com reflexões sobre as demandas táticas do futebol, como por exemplo: o que é um esporte de invasão? O que





significa tática? Com isso, buscava-se uma conscientização tática dos(as) alunos(as). De maneira geral, as respostas dos(as) alunos(as) não demonstravam dificuldades, porém, apenas um pequeno grupo que respondia em voz alta. Ao observar essa baixa participação, a roda de conversa passou a ser uma estratégia que estimulasse a compressão da lógica interna do futebol, a partir da própria reflexão dos(as) alunos(as), estimulando uma maior participação, sem que a professora levasse a informação pronta.

Ao ir para a parte prática, na primeira aula da unidade didática, optamos por iniciar o jogo proposto com os(as) alunos(as) passando a bola apenas com as mãos, para que a técnica com os pés não interferisse ou atrapalhasse no objetivo principal do jogo, em que os(as) alunos(as) precisavam se comunicar entre os(as) companheiros(as) de equipe. Garganta (1998) acredita que nos jogos coletivos é importante o(a) aluno(a) entender os princípios relacionados com a tática do esporte e não ter apenas o controle da bola. Mesmo com essa adaptação, de início, foi possível observar bastante dificuldade dos(as) alunos(as) na troca de passes, em criar as linhas de passe e em receber a bola. Ao notar as dificuldades, a professora parava o jogo, conversava com os(as) alunos(as) e neste caso específico, dialogamos sobre a importância da comunicação dentro do jogo, do trabalho em equipe e de olhar para os(as) companheiros(as) de equipe.

Ao alterar a regra do passe com as mãos, para o passe com os pés, surgiu uma nova dificuldade: o controle da bola com os pés (recepção, domínio, drible, condução e passe), ou seja, no conhecimento da habilidade motora/técnica (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012). Os(as) alunos(as) observaram a dificuldade e, com isso, os(as) mais habilidosos passaram a ocupar mais os espaços da quadra, se movimentando de maneira mais eficiente e assim ajudando os(as) demais colegas. Com essa estratégia, o objetivo do jogo estava sendo atingido com mais facilidade, porém, apesar desse avanço, os(as) alunos(as) relataram dificuldade na comunicação entre os próprios companheiros(as) de equipe: “Debinha, que fez o gol contra, disse: - Você precisa falar mais alto, não ouvi que estava do meu lado, você sempre estava atrás de mim quando eu precisava.” (DA I- roda de conversa final). Para um melhor entendimento, fazemos um adendo, explicando que, na primeira aula da unidade didática, os(as) alunos(as) escolheram nomes de jogadores e jogadoras de futebol para representá-los(las) nos diários de aula.

Outro desafio que os(as) alunos(as) relataram foi em relação ao cansaço excessivo após a vivência dos jogos: “Estou morta, fiz atividade para a semana inteira” (Debinha – DA I).







Com isso, notamos que em diversos momentos os(as) alunos(as) não estavam correndo de maneira eficiente quando estavam sem a posse da bola e, apresentavam dificuldade para observar o jogo antes de tomar alguma decisão. González e Bracht (2012) afirmam que a tática individual está relacionada à capacidade do(a) aluno(a) se adaptar de maneira consciente a algumas situações do jogo, em que precisam tomar uma decisão em função do(a) adversário(a).

De modo geral, nas primeiras aulas e no início de alguns jogos, foi possível notar muita desorganização dentro do espaço do jogo, falta de comunicação entre os(as) alunos(as) e muitos jogadores(as) indo ao mesmo tempo pegar a bola ou tentar tirar a bola do(a) adversário(a). Além disso, alguns(mas) alunos(as) não entendiam ou percebiam a importância do seu papel dentro do jogo, pois associavam o sucesso apenas à realização do gol. Diante das observações dessas problemáticas, a professora costumava sempre parar o jogo para conversar com a turma ou de maneira individual com alguns(mas) alunos(as), para não deixar passar as suas dificuldades e assim proporcionar uma conscientização tática reflexiva. Acreditamos na importância do papel do(a) professor(a) nessas intervenções pedagógicas.

No decorrer das aulas, começamos a perceber um desenvolvimento na qualidade tática: “[...] Marta pegou a bola e tentou tocar rapidamente para um colega. A aluna errou o passe, porém, a ideia tinha sido muito boa, com isso Debinha falou: - Errou porque nem pisou na bola para pensar e tocar; e Marta respondeu: - Mas ele estava livre, tinha que ser rápido.” (DA I – jogo 3x3). Para González e Bracht (2012), a qualidade tática refere-se às tomadas de decisões do(a) jogador(a) em relação ao adversário, a uma boa movimentação em busca de espaços livres, a realização da marcação, ou seja, a “ler” taticamente situações do jogo.

A maioria dos(as) alunos(as) estavam conseguindo participar das linhas de passe, observar antes de realizar um passe, se distribuir de maneira mais eficiente no espaço de jogo, achar espaços vazios para receber a bola, se aproximar do gol e tentar finalizar. Além disso, a comunicação entre os(as) alunos(as) da mesma equipe, tanto a comunicação verbal como a gestual, também foi um ponto positivo observado no decorrer das vivências.

Alguns jogos propostos ganharam destaque, como por exemplo, o “Jogo dos números”, no qual os(as) alunos(as) foram divididos em duas equipes, cada integrante recebia um número e os(as) jogadores(as) que estavam atacando precisavam seguir uma sequência para passar a bola para os(as) companheiros(as) de equipe, sendo que, o número 1 só podia passar a bola para o número 2, o número 2 só podia passar a bola para o número 3 e assim





por diante. Nessa proposta os(as) alunos(as) precisavam se organizar dentro de quadra, se comunicarem de maneira eficiente e participar igualmente do jogo, para que assim conseguissem cumprir o objetivo. Durante a vivência, os(as) alunos(as) sentiram a necessidade de parar o jogo e pensar alguma estratégia em grupo, como mostra o trecho abaixo:

[...] Formiga veio até mim e perguntou: - Professora, a gente pode parar um pouco o jogo e fazer uma roda de estratégia? Respondi que sim e fui acompanhar as discussões. A Formiga disse: - Professora, o Davi Luiz não tem um passe muito bom, então estamos criando uma estratégia para ele participar e ele tocar a bola para mim. Juntos(as) chegaram à conclusão de que teriam que jogar um(a) mais próximo(a) do(a) outro(a), sempre buscando esse passe mais curto, pois seria mais fácil para o Davi Luiz conseguir acertar [...] (DA II – jogo dos números).

Ao pedir para parar, o time percebeu que o jogo exigiu dos(as) participantes uma atitude tático-estratégica (GARGANTA, 1998). Para González e Bracht (2012), essa atitude representa uma tática coletiva, ou seja, regras de organização do jogo.

Com esse avanço na conscientização tático-técnica nos jogos de futebol, para além de uma autonomia discursiva, notamos também uma maior comunicação verbal dentro e fora de quadra e atitudes de liderança, no sentido de sinalizar sobre a marcação, por exemplo. Notamos isso na própria fala dos(as) alunos(as): “Ei, vocês têm que vir mais pra perto hein.” (Formiga); “Ei, olha eu aqui.” (Marta), “Joga por cima.” (Dybala); “Marta, se posiciona ali, tem espaço” (Debinha).

No decorrer das aulas e ao final de todo o processo, foi possível perceber uma maior segurança no conhecimento declarativo sobre os princípios operacionais do futebol, das suas regras de ação e demandas táticas, além de um aumento da participação dos(as) alunos(as) nos jogos de futebol, e, mais que isso, uma participação apoiada na conscientização tática e técnica, em que os(as) alunos(as) tiveram acesso aos saberes corporais, relacionados à experiência corporal e, no futebol, ao conhecimento da tática individual, habilidades técnicas, combinações táticas e sistemas de jogo e, aos saberes conceituais do futebol, atrelado aos conceitos que são fundamentais para se entender as características e o funcionamento do futebol, totalmente ligado à lógica interna do jogo (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

Podemos observar esses resultados em algumas falas e atitudes dos(as) alunos(as) durante determinadas práticas e rodas de conversas, como por exemplo, no futebol em duplas, jogo no qual os(as) participantes precisavam jogar o futebol de mãos dadas: “A Formiga, junto ao seu trio (Formiga, Morgan e Tamires), a todo momento pedia bola e tentava achar espaços vazios na quadra. Ouvei muitos(as) alunos(as) dizendo em algumas jogadas: - Sai sai sai, no





sentido de perceberem que estavam em melhor posição para receber bola.” (DA II – Professora). Especificamente em relação ao aumento da participação, no início das aulas, dos(as) 18 alunos(as) que participaram da pesquisa, apenas 6 meninos relataram ter tido experiências anteriores com o futebol. A maior parte da turma expressou não gostar de futebol, não ter tido boas experiências anteriores ou não ter nenhum contato com o futebol. Com isso, observamos no começo uma maior resistência na participação e no decorrer das aulas, um aumento e relatos de práticas prazerosas, como notamos nas falas dos(as) alunos(as): “Não gostava de futebol, mas estou aprendendo e gostando”; “Eu achei que não iria gostar e amei”; “Eu não gosto de futsal, mas gostei das atividades” (DA III); “Eu me senti bem porque eu pude participar melhor” (DA VI). Além disso, esse aumento na participação também refletia em uma participação mais consciente, como observamos no Fútbol Callejero: “Marta pegou a bola, achou um espaço vazio e tocou uma ótima bola para Messi, que fez o gol.” (DA VI).

### Lógica Externa

A lógica externa refere-se às características que atravessam determinadas práticas, porém, que não são determinantes para a pessoa jogar ou praticar (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012). No processo de aprendizagem da lógica externa dos futebolistas, o objetivo era os(as) alunos(as) reconhecerem a influência da política no universo do futebol, assim como as intersecções entre futebol, política e os marcadores sociais da diferença (raça, etnia, gênero e sexualidade). Para isso, usamos diferentes abordagens pedagógicas e didáticas, como por exemplo, a exibição de vídeos e trechos de filmes, leituras de quadrinhos e de reportagens, reprodução de podcast, vivências de jogos, diálogos e reflexões sobre diversos temas.

Em um primeiro momento, ao iniciar o diálogo sobre futebol e política, os(as) alunos(as) demonstraram que o entendimento sobre política se resumia apenas às eleições, com isso, as primeiras conversas foram no sentido de desmistificar que política se resume apenas a isso e, que há uma influência da política no universo do futebol. Souza Júnior (2020, p. 200) acredita que “os mitos de que o futebol é um espaço de alienação política e de que futebol e política não se misturam, precisam ser problematizados”.

O primeiro tema debatido foi em relação ao racismo presente no futebol. A partir de um vídeo do jogador Vini Jr., de uma reportagem do jogador sobre o racismo sofrido na Europa e de um tweet do jogador Richarlison, discutimos e problematizamos a discriminação racial no futebol, a falta de punição diante de casos de racismo, bem como a escassa presença





de pessoas negras em cargos de comando. Para finalizar, refletimos sobre a importância das pessoas se posicionarem e que este é um ato político, porém que muitas vezes acaba sendo silenciado.

Durante as discussões, foi possível notar expressões de indignação e preocupações quanto às próprias falas e comportamento dos(as) alunos(as), como notamos em um questionamento ao final da aula: "Professora, eu fui racista em algum momento?" (aluno Messi, Diário de aula I). Figueredo e Cruz (2021) entendem que a Educação Física tem o papel de questionar as relações de poder que atravessam o futebol e, problematizar as questões étnico-raciais através do futebol contribui para uma formação crítica dos(as) alunos(as).

O segundo tema debatido foi em relação à invisibilidade midiática das mulheres no esporte e especificamente no futebol, a constante comparação do desempenho das jogadoras de futebol com futebolistas homens e ao espaço que é destinado às mulheres na sociedade. Para iniciar essas reflexões, utilizamos um vídeo ("Invisible Players", disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>) e a leitura de uma tirinha do cartunista Junião ("Marta e as meninas são ótimas, né Isaura? Jogam firme e forte como homem! / Nicanor!! Elas são ótimas porque jogam firme e forte como mulher!!"). A partir daí, pudemos observar que os(as) alunos(as) perceberam que apenas os homens são referências no esporte e identificaram a exclusão de jogos de futebol feminino nas transmissões: "Elas não são reconhecidas" (Tamires, DA II); "É, eles são mais reconhecidos" (Marta e Bia Zaneratto, DA II); "Elas não jogam muito, não aparecem na TV" (Vini Jr., DA II).

Fernandes (2016) afirma que o homem sempre está ligado à excelência esportiva, enquanto a mulher é inferiorizada neste espaço. Com isso, notamos um discurso na própria fala dos(as) alunos(as), que está muito enraizado em nossa sociedade, em que, muitas pessoas acreditam que a mulher está sendo elogiada quando comparada a um homem.

[...] Vini Jr. e Formiga prontamente responderam: - Machismo. Messi falou: - Foi um elogio e Davi Luiz rebateu: - Com certeza não foi um elogio. Questionei se fosse ao contrário: - E se eu falar: Nossa Messi, você joga futebol igual mulher. Para você foi um elogio? Ao fundo, Tamires respondeu: - Não e então perguntei: - Por que não? Debinha logo respondeu: - Porque é machista e o Messi falou: - Depende do jeito que fala e depende da mulher. Formiga falou: - Mas quando vai comparar as mulheres com os homens, não está falando que homem é, está só querendo dizer que todos os homens são superiores que as mulheres. Mas, eles não são melhores que as mulheres não [...] (DA II – roda de conversa final).

Em seguida, continuamos com as discussões sobre as relações de gênero no futebol, porém, olhamos para as situações de lgbtobia nesse contexto. Através do trecho de





um Podcast (“Nos armários do vestiário”, disponível em: <https://interativos.ge.globo.com/podcasts/programa/nos-armarios-dos-vestiarios/>), refletimos sobre o futebol ser ou não um espaço acolhedor, a dificuldade de atletas gays se exporem nesse esporte, o preconceito e as “brincadeiras” homofóbicas. Kessler (2012) afirma que o futebol foi e vem sendo construído como um esporte que reforça a masculinidade e, ser masculino significa ter características relacionadas a virilidade, além de uma reafirmação da heterossexualidade.

Durante as reflexões sobre o tema, os(as) alunos(as) concluíram que o futebol não é um espaço acolhedor, pois, há muito preconceito e muitas pessoas gostariam de estar nesse espaço, porém, não se sentem seguras. Especificamente em uma roda de conversa, uma aluna entendeu as dinâmicas de exclusão presentes no futebol e falou baixinho para o seu colega, que é um aluno assumidamente gay: “É Davi Luiz, o futebol não seria um lugar para você” (DA III).

Por último, para problematizarmos o processo democrático, utilizamos como estratégia a vivência de dois jogos (Jogo da democracia e o *Fútbol Callejero*). No Jogo da Democracia, os(as) alunos(as) realizam uma votação para elegerem os(as) representantes da turma, os quais ditam as regras do jogo, já no *Fútbol Callejero*, todos(as) os(as) alunos(as) participam da construção das regras, do jogo de futebol e decidem juntos(as) a pontuação final. Ou seja, o Jogo da Democracia proporcionou a experiência com uma democracia representativa, enquanto o *Fútbol Callejero* representou uma democracia participativa.

Após a vivência do Jogo da Democracia, os(as) alunos(as) concluíram juntos(as) que a votação que fizeram para escolher os(as) representantes da turma era um processo democrático, pois todos(as) puderam votar e participar dessa escolha, porém, entenderam que a própria escolha deles(as) não garantiu que os(as) representantes pensassem em beneficiar a todos(as). Com isso, relacionaram esse processo com as eleições e os candidatos à presidência, como podemos notar na fala de um aluno: “A prioridade deles é uma e a nossa é outra. O que é vantagem para os políticos é desvantagem pra gente.” (DA IV). A partir disso, entendemos que o processo democrático não se resume apenas à escolha dos(as) representantes e que há a necessidade de uma participação e monitoramento, assim, há uma diferença entre uma democracia participativa e uma democracia representativa.

Por fim, os(as) alunos(as) vivenciaram um jogo que consideramos o mais democrático, o *Fútbol Callejero*. Com esse jogo, notamos uma maior participação de todos(as)





os(as) alunos(as), tanto no jogo, quanto nos posicionamentos e opiniões durante as rodas de conversa. Os debates e as reflexões contribuíram para a construção do entendimento de democracia e política.

Diante de todas essas vivências, a lógica externa proporcionou aos(as) alunos(as) uma experiência com os futebóis, pautada pelo saber atitudinal, em que está relacionado com as atitudes e valores do(a) estudante e, no saber conceitual (conhecimento crítico) em que os(as) alunos(as) tem acesso a temas da cultura corporal que possam analisar e refletir (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados indicam que, para a lógica interna, no início da unidade didática, os(as) alunos(as) apresentavam muita dificuldade de organização dentro do espaço de jogo e para se comunicarem de maneira eficiente. Porém, no decorrer do processo e com a utilização dos jogos em espaços reduzidos (com regras e simples e adaptadas), notamos o desenvolvimento dos aspectos relacionado a dimensão técnica e, sobretudo, tática dos/das participantes. Com o avanço na conscientização tático-técnica, conseqüentemente observamos também uma maior participação dos(as) alunos(as), no qual conseguiam participar de linhas de passe, observar antes realizar uma ação, se organizar melhor no espaço, achar espaços vazios para sair da marcação e receber o passe, se aproximar do gol e tentar finalizar.

A comunicação (verbal e gestual) com os(as) companheiros(as) de equipe, as atitudes de liderança e o protagonismo dentro e fora de quadra foram pontos importantes observados nos jogos. Além disso, notamos uma maior segurança no conhecimento declarativos dos(as) alunos(as) em relação aos princípios operacionais do futebol, as suas regras de ação e demandas táticas. Com isso, os(as) participantes tiveram uma experiência pautada nos saberes corporais e conceituais do futebol e assim atingiram o objetivo da lógica interna proposta na unidade didática, que consistia em estabelecer relações eficientes de comunicação entre os(as) companheiros(as) de equipe e de contra comunicação com os(as) adversários(as) de jogo (GARGANTA, 1995).

Quanto aos processos educativos relacionados à lógica externa, o objetivo era estimular os(as) alunos(as) a refletirem sobre a influência da política no universo do futebol. Discussões sobre racismo e questões de gênero demonstraram um entendimento dos(as)





alunos(as) no sentido do futebol espetacularizado não ser um espaço acolhedor e para todos(as). Já algumas discussões e vivências de metodologias pedagógicas como o Futebol Callejero, colocaram os(as) alunos(as) como sujeito ativos no processo e proporcionaram experiências e reflexões sociais, políticas e culturais que atravessam o futebol. Assim, trazer a lógica externa para o ensino dos futebóis proporcionou aos(as) alunos(as) uma experiência pautada no saber conceitual (conhecimento crítico).

De modo geral, pensar o ensino dos futebóis na escola a partir dos quatro princípios de Freire (2011), proporcionou aos(as) alunos(as) diversas experiências pautadas pelos saberes corporais, conceituais e atitudinais. E mais do que isso, uma vivência inclusiva e transformadora, com experiências prazerosas, bem-sucedidas e em um espaço acolhedor.

Apesar de todos os avanços e conquistas no ensino dos futebóis, alguns desafios e dificuldades também foram encontrados durante o processo. Podemos dividir em dois grupos, sendo o primeiro, relacionado às dificuldades em relação às estruturas da escola e, o segundo, aos desafios que surgiram com a elaboração e a implementação da unidade didática.

Em relação aos problemas estruturais, entendemos que essa limitação irá acompanhar o(a) professor(a) durante todo o ano letivo, e que afetarão, mais ou menos, dependendo do dia, da atividade programada e do conteúdo que será ensinado. Na rede de ensino que foi aplicada a unidade didática, as aulas de Educação Física do Ensino Fundamental anos finais acontecem no período do contraturno, portanto, devido às características específicas da escola e da comunidade, o índice de evasão é alto e, poucos(as) alunos(as) participam das aulas. Durante a pesquisa, tivemos uma média de aproximadamente 11 alunos(as) presentes. Além de limitar a vivência de alguns jogos propostos, essa baixa participação discente fez com que mais da metade da turma não tivesse acesso a essa experiência. Além disso, as aulas no período de contraturno escolar esbarram em outra problemática, a ausência de outro espaço além da quadra para desenvolver as aulas de Educação Física. Durante a pesquisa, a quadra da escola precisou ser reformada e os(as) alunos(as) ficaram sem local, tendo que ser dispensados. Por último, a divisão da quadra com mais duas professoras também é um ponto que gerou algumas limitações nas aulas, devido ao excesso de barulho, pouco espaço disponível e em alguns momentos, a interferência da outra aula no espaço que estava sendo utilizado pelos(as) alunos(as).

Quanto aos desafios que surgiram durante a elaboração e a implementação da unidade didática, iremos destacar quatro pontos. Em primeiro lugar, na criação e na aplicação







das aulas, em alguns momentos senti dificuldade de relacionar a lógica interna com a lógica externa do jogo. Este ponto foi uma preocupação grande e que em alguns momentos, principalmente nas primeiras aulas, senti uma desconexão. Apesar desta dificuldade, buscamos sempre conectar a lógica interna e a lógica externa e, estas não foram desenvolvidas de maneira fragmentada durante as aulas. As discussões trazidas nos aspectos da lógica externa, como por exemplo, as questões de gênero, preconceito, discussões sobre democracia, entre outros, foram vivenciadas pelos(as) alunos(as) durante o aprendizado da lógica interna, ou seja, através dos jogos propostos. Alguns aspectos a serem refletidos sobre a lógica externa foram planejados de maneira intencional, através de jogos como o futebol de rua, o jogo da democracia dos escolhidos e o *Fútbol Callejero*. Já outras questões foram surgindo de maneira espontânea pelos(as) alunos(as) durante a vivência das atividades e depois foram relacionados com a propostas previamente planejadas, como por exemplo, as discussões sobre a invisibilidade das mulheres no esporte e na mídia, o racismo no futebol e o ambiente do futebol ser ou não um espaço acolhedor e para todos(as). Deste modo, as propostas pedagógicas eram transpassadas tanto pela lógica interna, quanto pela lógica externa do jogo.

Em segundo lugar, a pouca participação dos(as) alunos(as) nas rodas de conversa, principalmente durante as discussões da lógica externa, o que acabou limitando algumas reflexões que tinham sido planejadas. No entanto, não podemos perder de vista o fato da cultura escolar imprimir às aulas de Educação Física uma expectativa de tempos e espaços lúdicos para a realização de práticas corporais, sobretudo do futebol, fato que contribui para que estudantes de uma forma geral não se engajem de forma plena em discussões ou reflexões críticas sobre temas que afetam essas práticas. O terceiro e quarto ponto estão relacionados e dizem respeito à indisciplina e à presença de um aluno que tinha traços de uma masculinidade dominante. De maneira mais geral, surgiram inúmeros problemas de indisciplina com a turma, principalmente durante as explicações e nas rodas de conversa. Porém, o maior desafio foi quanto às atitudes do aluno que não me respeitava os(as) colegas, comunicando-se de forma machista e desestimulando a participação de todos(as) nos jogos. A maior dificuldade foi em lidar e intervir diretamente com o aluno, precisando recorrer em determinado momento ao assistente de direção.

Através dos diários de aula e das gravações das rodas de conversa, foi possível uma auto-avaliação da prática docente, identificando situações em que poderia ter agido de outra forma e possibilidades de superar algumas limitações. A realização da pesquisa-ação







possibilitou o afastamento crítico e, na posição de professora-pesquisadora, uma importante experiência formativa no sentido de ressignificação da prática docente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, João Vitor; COLPAS, Ricardo. A pedagogia esportiva e o ensino do futebol na escola. **EFDesportes.com**, v. 18, n. 185, 2013.

BARRETO, Mariama Silva Gouvêa. **Implementação de um currículo dos futebóis para a educação física nos anos finais do ensino fundamental**. 2023. 245f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2023.

BARROSO, André Luís Ruggiero. Inquietações no tratamento do esporte na educação física escolar. In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL-MASSO, Maria Candida Soares (Orgs.). **Desafios da educação física escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

BOGDAN, Robert Charles; BIKLEN, Sara Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto, 1994.

BRANDÃO, Maria Regina Ferreira e colaboradores. Além da cultura nacional: o expatriado no futebol. **Revista brasileira de ciência e movimento**, v. 21, n. 2, p. 177-182, 2013.

FERNANDES, Simone Cecília. **A educação esportiva de meninas na escola pública: experiências positivas de gênero na educação física**. 2016. 132f. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2016.

FIGUEREDO, Marinete da Frota; CRUZ, Marlon Messias Santana. Futebol e racismo: algumas reflexões no âmbito da educação física escolar. **Revista de estudos em educação e diversidade**, v. 2, n. 5, p. 1-18, 2021.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 483-502, 2005.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do futebol**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

GARGANTA, Julio. O ensino do futebol. In: GRAÇA, Amândio; OLIVEIRA, José (Eds.). **O ensino dos jogos desportivos**. 3. ed. Porto, Portugal: Universidade do Porto, 1998.

GARGANTA, Julio. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, Amândio; OLIVEIRA, José (Eds.). **O ensino dos jogos desportivos**. Porto, Portugal: Universidade do Porto, 1995.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BRACHT, Valter. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória, ES: UFES, 2012.





GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Projeto Curricular e Educação Física: o esporte como conteúdo escolar. In: REZER, Ricardo. **O fenômeno esportivo: ensaios crítico-reflexivos**. Chapecó, SC: Argos, 2006.

KESSLER, Claudia Samuel. Se é futebol, é masculino? Sociologias plurais, n. esp., 2012, p. 240-257.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVINOS, Augusto Silva. **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre, RS: Sulina, 1999.

PARLEBAS, Pierre. **Juego, deporte y sociedad: Léxico de praxiologia motriz**. Barcelona, Espanha: Paidotribo, 2001.

SILVA, Silvio; NICÁCIO, Luiz Gustavo; CAMPOS, Priscila. O futebol nas aulas de educação física para além da bola rolando. In: MAGALHÃES, Livia; TEIXEIRA, Rosana (Orgs.). **Futebol na sala de aula: jogadas, dribles, passes, esquemas táticos e atuações para o ensino de ciências sociais e de história**. Niterói, RJ: EDUFF, 2021.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira. Gênero, educação física escolar e pedagogia do esporte: construindo processos educativos empoderadores. In: WENETZ, Ileana; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa (Orgs.). **Gênero e sexualidade no esporte e na educação física**. Natal, RN: EdUFRN, 2020.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira; CARVALHO, Ricardo Souza; PRADO, Denis. **Do futebol moderno aos futebolis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária**. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2023.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira; DARIDO, Suraya. Refletindo sobre a tematização do futebol na educação física escolar. **Motriz**, v. 16, n. 4, p. 920-930, 2010.

ZABALZA, Antoni. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.

#### Dados do primeiro autor:

Email: mariamabarreto@estudante.ufscar.br

Endereço: Avenida Nossa Senhora de Fátima, 444, Caiçara, Praia Grande, SP, CEP: 11706-300, Brasil.

Recebido em: 03/11/2023

Aprovado em: 08/12/2023

#### Como citar este artigo:

BARRETO, Mariama Silva Gouvêa Barreto e colaboradores. Jogando e pensando os futebolis nas aulas de educação física. **Corpoconsciência**, v. 27, e.16579, p. 1-18, 2023.

